

# DOANDO A VIDA PELO BEM VIVER DOS MIGRANTES

TESTEMUNHO DE UMA «CANTORA DO POVO»

**ROSA MARTHA ZÁRATE**

San Bernardino, CA, EUA

O processo de desenvolvimento da consciência social e da recuperação da memória histórica, que atualmente anima a minha prática social e de fé, tem como princípio o exemplo do meu pai, um lutador social, de minha mãe, uma mulher servidora da comunidade, da minha avó, que em tempo de revolução no México arriscou a vida para defender a sua crença religiosa. Sou originária de Guadalajara, Jalisco, México. Desde menina e jovem cresci em um ambiente popular encaixado em vales de canaviais da Ameca, Jal. A minha educação escolar e musical se limitou a mera capacitação profissional para ter alguma função em sistema capitalista e na sociedade.

Em 1961 entrei para a vida religiosa, como uma opção de serviço. Analisando a minha vocação e o caminho ao qual recorri para me definir e optar explicitamente em tomar um lugar no caminhar do povo migrante do qual sou parte, preciso fazer um cálculo objetivo do cúmulo de experiências, de testemunhos de povos e pessoas de luta que fortaleceram a minha esperança e abriram caminho para atravessar momentos de prova e dar à vida um sentido de transcendência e uma razão do porque lutamos. Como recém-professas, cinco de nós, sem licença da superiora, nos matriculamo-nos para cursos de *Pedagogia do Oprimido* que o mestre Paulo Freire dava em Guadalajara. Esses cursos eram proibidos por algumas congregações religiosas, talvez por medo de que se despertasse a consciência crítica e ferir a consciência que caracterizava muitas religiosas. Foi aí que, pela primeira vez, comecei ouvir coisas que me incomodaram e me fizeram sentir cúmplice do sistema dominante. Pude então entender como o sistema escolar oficial e privado, conforme estão oficializados pelos governos, é um instrumento sutil e eficaz para a exploração, a perda da memória histórica e a infiltração da dominação. Paulo nos deu a chave do questionamento da ordem das coisas que nos impedem de ser livres como pessoas e como povo; até o momento esta chave continua abrindo portas que se fecham ao passá-las, e que, pelo contrário, me impulsionam para enfrentar desa-

fios que pensava jamais poder superar.

Já se passaram mais de 43 anos que a comunidade religiosa me enviou como mestra na educação primária em Santo Isidro, na Califórnia. Ao cruzar a guarita da fronteira do Mexicali para Calexico, o meu mundo mudou radicalmente: experimentei o racismo, a exploração e a dominação, até na Igreja católica daquele país do Norte. Por coincidências da vida, Cesar Chavez, líder do movimento campesino, chegou ao convento para convidar as irmãs para aderirmos à greve, para exigir justiça pelo assassinato de um camponês. Eu estava com o violão nas mãos e, com mais empenho, ele me convidou, para animar camponeses e camponesas na sua greve. Do mesmo modo, ainda com a resistência das irmãs, fui à assembleia. Aí, entre bandeiras rubronegras, com a frase «sim, é possível», teve início a militância da cantora.

A partir do dia que decidi ocupar o meu lugar no êxodo do povo, a tensão no seio da comunidade tornou-se mais pesada. Não passou muito tempo sacerdotes e religiosas vizinhos me convidaram para participar do movimento nacional pela reivindicação dos direitos dos batizados de língua espanhola na igreja católica norte-americana. Os PADRES (associados ao movimento pelos direitos religiosos educacionais e sociais) e nós IRMÃS, em união com os líderes leigos, assumimos a iniciativa de organizar o povo em suas reivindicações, entre outras: que se nomeassem bispos locais e fossem ordenados leigos capacitados que prestavam serviços religiosos educativos e sacramentais em espanhol e assimilavam a nossa cultura e tradição. A teologia da libertação não encontrou fronteiras para animar o movimento. Nós nos comprometemos solidamente com os movimentos e lutas latino-americanas.

Entre os anos de 1970 e 1985 representaram uma grande movimentação e organização diocesana, regional e nacional. A Conferência Católica dos Bispos norte-americanos reconheceram o «Povo Espanhol» como um «desafio e um compromisso». A pastoral espanhola, depois de um grande renascer de ativida-

des pastorais, com o tempo, foi se esmorecendo, por ser considerada um perigo ao *status quo* da Igreja e do país. O conjunto de oficinas diocesanas de pastoral espanhola animou a muitos de nós a escolher outros espaços para seguir Cristo. No meu caso, a congregação religiosa me dispensou dos votos, por ter levado a um bispo e a 10 sacerdotes ao processo civil por violações do meu contrato de trabalho, por difamação e discriminação de gênero.

Depois de passar a noite escura da dor por este rompimento com a congregação, nós, agentes de pastoral da diocese de San Bernardino nos organizamos como associação civil e a partir daí continuamos a tarefa de «proteger-nos, ajudar-nos e nos organizar». Desde 1985 trabalhamos com projetos de educação, organização de bairros, defesa dos direitos dos migrantes... Temos apoiado projetos de solidariedade com lutas latino-americanas camponesas e indígenas. Atualmente participamos da luta de mais de 2,5 milhões de ex-braçais anciãos que reclamam, nos Estados Unidos e no México, do fundo de poupança que lhes é devido dos anos de 1942 a 1964, e também estamos engajados no movimento de reforma migratória e defesa dos direitos dos migrantes.

O calvário de milhares de migrantes que cruzam as fronteiras no dia a dia para chegar ao Norte, procurando sair da pobreza generalizada em todo o continente vai se tornando cada vez mais evidente: os crimes que se cometem por parte das autoridades, os narcotraficantes, os traficantes de órgãos, o tráfico de pessoas, as violações sexuais de homens e mulheres, a extorsão, os sequestros... são mostras de uma guerra contra a vida, contra a dignidade e o direito à mobilidade humana.

É óbvio que os governos não têm feito o que deveriam para evitar o êxodo dos seus concidadãos. É claro que as igrejas não têm agido como poderiam para se chegar a uma solução justa a esta gravíssima situação. Ao mesmo tempo será necessário reforçar o trabalho dos sacerdotes, religiosas, leigos, povo, organizações sociais... que têm se manifestado oportunamente, têm organizado correntes de albergues para migrantes e têm respondido dentro dos seus limites para remediar em parte tanto sofrimento humano.

Esta é a trincheira na qual estamos dando a vida, lutando para abrir fronteiras para a cidadania universal do *Bem Viver* que os irmãos indígenas americanos

nos propõem, onde ninguém seja marcado como estrangeiro, muito menos como criminoso.

Como as coisas não acontecem por acaso, os caminhos da vida me levaram a implantar raízes em terra mexicana ocupada, no coração do império. Em meio a tanta desesperança, aprendi cantar «as coisas que nos pesam, que nos fazem tanto mal»; as possibilidades que temos para criar um mundo mais humano e participar do designo de um novo modelo de nação (mexicana) e solidarizar-nos com os países que também procuram a sua própria emancipação do império norte-americano.

As comunidades com as quais tenho caminhado me chamam de «Senhora do Cântico», como título de serviço, e assim o tenho considerado. A minha função de cantora do povo tem o compromisso de animar e ser eco de parte da história que vamos escrevendo desde o cativeiro. Assim o expresso e o confirmo com este canto: «Eu sei que a minha canção animará o caminho. Por fim bradamos: Basta! Empreendamos a marcha, eu sei por que a fé é fogo que arde em chamas, são séculos de esperança, fogo que não se apaga. Por amor à Terra Mãe nossa, ultrajada, vamos recobrar o nosso ser, a nossa história. Marchemos! Alcança-se a vitória quando há um povo que quer caminhar. Eu sei, todo o meu ser proclama, chegará o amanhã da nossa liberdade».

O povo migrante, do outro lado da fronteira norte, também está em pé de luta solidária. É preciso continuar rompendo as amarras, derrubando as fronteiras. Temos a chave da consciência solidária para abrir a porta da cidadania universal, onde se pode viver a paz com justiça e dignidade. Não há retrocesso.

«... Para onde vou, não há caminho de retorno, já sacudo a poeira, por nada mais eu volto, o medo e os temores morreram há tempo, os mártires redimem com sangue meu caminho... Para onde eu vou chega-se por um caminho novo, passa-se por desertos, fronteiras e desvelos, pisa-se em terra firme, o êxodo do povo. Vou-me, já decidi, por nada mais voltarei. Vamos andar mil noites! Chegaremos à nova aurora, percorrendo caminhos, escrevendo a nossa história, vamos recuperar a nossa América roubada. Vamos, pois o nosso caminhar não tem retorno. Chegou o momento, o tempo abriu as portas, a liberdade nos chama, a primavera se aproxima. Vamos, é covardia andar sem esperanças. Sim, é possível!».